

A HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL —CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DAS IDENTIDADES LOCAIS

Graça Maria Soares Nunes

Esta comunicação tem por objectivos levantar questões que se prendam com a ligação da História Regional e Local às identidades locais, reflectindo sobre os possíveis contributos da primeira para o estudo e definição duma identidade local. Ressalta-se também a importância da transdisciplinaridade como metodologia, e o papel activo da museologia como impulsionadora e difusora da História Regional e Local. Faz-se igualmente uma breve panorâmica historiográfica como contextualização e ligação à situação actual da história local.

O interesse pela História Local em Portugal tem sido despertado em diversas ocasiões e diferentes contextos ao longo dos tempos. Fazendo uma resenha sucinta sobre a historiografia local podemos recuar até 1720, ano da criação da Academia Real da História. Com ela se iniciaram as primeiras tentativas de valorizar estes estudos, com o enunciar dum inquérito feito pelo académico Manuel Caetano de Sousa, relativo à história eclesiástica, dirigido aos arcebispados, bispados, câmaras e provedorias de comarca, com o intuito de se recolherem notícias extraídas de cartórios e arquivos.

O Conde da Ericeira e o Padre Manuel Caetano de Sousa aquando da elaboração do seu *Systema de História* davam também importância *aos documentos da vida local* 1 dizendo que a história era comparável a um edifício que era fabricado por muitos artífices 2. Foros antigos de alguns concelhos como Santarém, Torres Novas, Guarda e Beja entre outros, publicaram-se na colecção de livros inéditos de história portuguesa a partir de 1790.

Fontes bastante úteis para os estudos locais são *As Memórias Paroquiais*, organizadas em dicionário pelo Padre Luís Cardoso, inquérito feito aos párocos após o terramoto de 1755, com respostas quase todas de 1758.

Mas foi Alexandre Herculano o grande defensor da história local, com um forte pendor nacionalista. Homem das letras, foi um acérrimo defensor do municipalismo, promoveu a publicação de *Portugaliae Monumenta historica* e considerava as monografias locais, preciosos contributos para o muito que ainda há a fazer no labor histórico do país. A obra de Herculano em prol da História Local e Regional culminou com a publicação da portaria de 8 de Novembro de 1847 que recomendava às Câmaras Municipais a coordenação e organização da sua história através da publicação e recolha nos Anais do Município de toda a factologia socialmente importante que ocorresse nos concelhos. Esta portaria foi de grande lucidez e iniciou a ideia bastante correcta na nossa actualidade, que a história dum país não se faz sem o contributo da história local.

A portaria do século passado não teve grande cumprimento, apenas os municípios de Lisboa, Porto, Coimbra e Guimarães aderiram à ideia, o centralismo do poder régio também não era favorável e D. Pedro V tinha mesmo a opinião de que era prejudicial e comentava-se: já viram o que seria o país inteiro encher-se de municipalistazinhos.³

Na actualidade, nos currículos universitários a História local continuou esquecida durante algum tempo, disciplinas da licenciatura em História abordam temáticas locais, e também é recomendada para temas de algumas dissertações de estudos pós-graduados.

Em Coimbra o Centro de Estudos de Formação Autárquica (CEFA) no seu plano de estudos ministra um curso no âmbito da História local, dedicado essencialmente a pessoas que pretendam trabalhar em autarquias.

A Faculdade de Letras de Lisboa através do Departamento de História no ano lectivo 1991-92 lançou uma pós —graduação em História Regional e Local, tentando colmatar a falta de investigadores nesta área. Na mesma instituição foi criado o Instituto de História do Municipalismo Alexandre Herculano, para apoiar o curso e implementar os trabalhos de história local. Por outro lado prevê-se a

colaboração das Autarquias através do estabelecimento de protocolos de trabalho conjunto entre a Universidade e as Câmaras Municipais, nomeadamente através dos museus municipais e outros sectores dos municípios que se preocupem com estas questões.

Um pouco por todo o país o interesse por esta área de estudo tem vindo a aumentar, apoiados ou não pelas instituições académicas, autarquias ou outros agentes representantes das comunidades locais: associações de defesa do património, colectividades, associações juvenis, escolas etc.

No estrangeiro, esta preocupação também não é novidade, e começou mais cedo a sua implementação a nível universitário, e como não é objecto desta comunicação essa análise, citemos apenas alguns exemplos para estabelecimento de paralelos. Em Inglaterra na universidade de Leicester existe um departamento dedicado à história local inglesa, nas universidades de Leeds e Lancaster também têm estudos pós-graduados em história regional e local.⁴ Tal como em Portugal neste país um conjunto de alunos universitários escolhe temas da história ou Geografia locais para dissertações e teses.⁵ Em Espanha, França e um pouco por toda a Europa estas questões são reequacionadas.

Abandonando a panorâmica historiográfica da história local e regional analisemos a sua metodologia e ligação ao meio e às comunidades locais.

O investigador ou estudioso da história local deve tomar consciência, antes de mais, da sua atitude perante as comunidades que se propõe estudar. Segundo o professor José Mattoso, deve consciencializar-se de que a melhor forma para compreender a história duma determinada comunidade, é ele próprio adoptar uma postura vivencial do espaço da mesma, participando de preferência do seu quotidiano,⁷ numa relação de Homem — meio — espaço onde habita, fazendo a sua aproximação por círculos sucessivos e contínuos como por exemplo: inserção no ciclo de amizades, ciclo de intelectuais, agentes culturais, de forma a atingir os círculos desconhecidos ou à

partida inatingíveis. Este processo não é estável nem definitivo mas se tomarmos o território como unidade de partida temos à partida estabelecido o contacto com o cenário onde toda a acção se desenrolará. O factor geográfico, sem ser determinante, impõe condicionantes de ordem natural, económica, cultural e até política. Desta forma estruturado o trabalho, há que definir com rigor a sua periodização. A propósito disto relembremos a recente definição de tempo histórico, dada por Borges Coelho à imprensa, aquando do lançamento da sua obra Clérigos, Mercadores, Judeus e fidalgos, "O historiador é um manipulador do tempo" no sentido em que o fixa em palavras, mas segundo o mesmo autor, o instrumento básico do historiador, a sua fita métrica ou compasso é a cronologia.⁸ Pois bem, sem periodização é impossível fazer-se história local. É de acentuar que podem-se alargar até quase à actualidade os períodos de estudo sem se incorrer em grandes perigos.

O investigador local, hoje em dia, deve efectuar com o devido cuidado uma abordagem transdisciplinar nos estudos que faz baseando-se em disciplinas como: geografia regional, história rural, Arqueologia rural, Arqueologia Industrial, Património Local, História da Tradição Oral, Toponímia local, história do municipalismo, entre outras.

Deixemos por instantes estes enunciamentos de definição e métodos da história local e pensemos agora nos museus locais.

O que é um museu local? Quais são os seus objectivos?

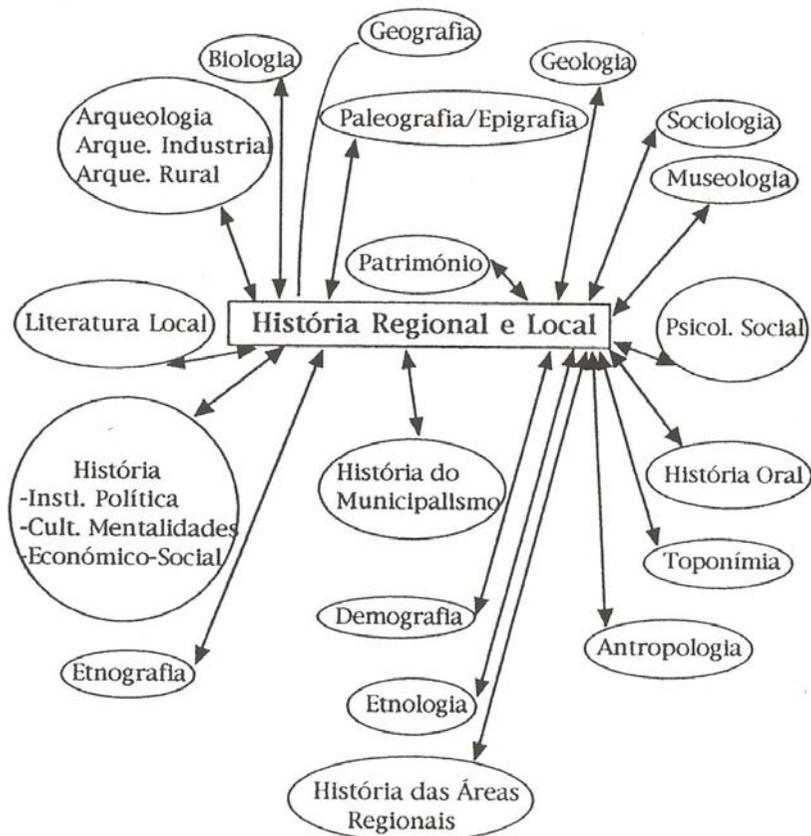
Tomando como base os museus municipais podemos responder à questão dizendo que os museus locais analisam a comunidade em que inserem e a sua história, cingida ao espaço administrativo do município, tentam eles próprios responder a estas perguntas: de onde vimos? qual é o nosso património? quem somos? qual é na nossa história? O que fizemos para melhorar a comunidade em que nos inserimos? quais os nossos valores socioeconómicos, políticos e educativos?

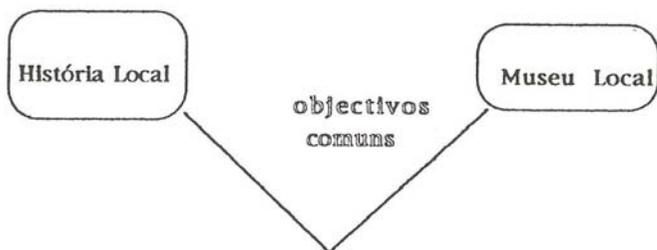
O museu local deve ir de encontro aos anseios da sua comunidade ajudando-a a questionar-se, incentivando-a à descoberta da solução para estas questões e tantas outras de índole social que se lhe colocam no dia-a-dia.

Através dos estudos de história regional e local e repegando na sua metodologia, o historiador local, bem posicionado e relacionado na comunidade estará apto para a resolução de alguns dos seus problemas ajudando-a na busca da sua identidade. Tomemos como exemplo concreto uma comunidade dum município dos arredores de Lisboa, Vila Franca de Xira, local onde trabalho (Museu municipal de VFX) e hábito. A população activa é na sua maioria migrante, oriunda de todo o país, fixou-se no concelho em busca de melhores salários na indústria e serviços da zona, ou tem em mira a proximidade da capital, e a sua escolha deveu-se ao facto de as comunicações rodoviárias (existência da Autoestrada e linha dos Caminhos de ferro, que ligam o sul ao norte do país) e ferroviárias serem fáceis. As raízes culturais desta população não se identicam com esta região. Museólogos e historiadores devem ser sensíveis a esta problemática e incentivarem a comunidade à busca da sua resolução, através de programas contínuos e adequados à comunidade em estudo e integrando-a desde início na investigação, quer se trate da investigação para uma exposição, quer se trate duma recolha de objectos etnográficos ou um inventário do Património Industrial ou a investigação para uma monografia local. Esta acção deve ser conduzida através dos agentes cooperantes da comunidade: escolas, colectividades culturais e desportivas, autarquias, associações de defesa do património, agentes económicos, paróquias, associações profissionais, comunicação social, individuais etc. O objectivo final e talvez utópico, é abranger todos os cidadãos da comunidade ajudando-os a descobrir a história e património da sua região, valorizando-o e protegendo-o, numa acção permanente de descoberta da sua identidade que lhe permitirá uma participação mais activa na comunidade local contribuindo para o seu desenvolvimento e afirmação.

Este desafio poderá ser lançado pelos museus locais, que estarão aptos para a sensibilização das populações para a defesa do seu património histórico-cultural e levá-las à descoberta da sua identidade local.

Relações Transdisciplinares da História Regional e Local





Conhecimento da história das comunidades
locais e respectivos territórios-município/região



Para a descoberta duma identidade local como
factor de integração, desenvolvimento e afirmação

Agentes de cooperação da comunidade local:

- Escolas
- Colectividades culturais e desportivas
- Autarquias
- Outros museus
- Bibliotecas
- Arquivos
- Associações de defesa do património local
- Empresas
- Paróquias
- Associações profissionais
- Organismos públicos (hospitais, dependências ministeriais, finanças, etc.)
- Cooperativas
- Misericórdias
- Associações de carácter social
- Comunicação social

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- COELHO, P. M. Laranjo, *Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da história geral portuguesa*, in *Congresso de Coimbra, Asociación para el Progreso de las ciencias*, Imprenta Zoila, Madrid, 1925.
- MACEDO, Jorge Borges de, *Unidade de Poder e diversidade de Situação nas áreas regionais em Portugal consequências metodológicas*, in *Primeiras Jornadas de História Regional e Local* (faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), edições Colibri, Lisboa, 1993.
- MARSALL, John, "Local and Regional History", history. *An Introduction for the Intending Student*. Edi. Routledge & Kegan Paul, Londres, 1970.
- MATTOSO, José, *A História Regional e Local, A escrita da história. Teoria e métodos*, Editorial Estampa, Lisboa, 1988, p. 169.
- *Público*, 6 de Novembro de 1994 p.24.
- VAGUES, Une Anthologie de la nouvelle muséologie, Colecção museologia, Edições W, M. N. E. S., Mâcon, 1992.

NOTAS

1. COELHO, P. M. Laranjo, *Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da história geral portuguesa*, in *Congresso de Coimbra, Asociación para el Progreso de las ciencias*, Imprenta Zoila, Madrid, 1925, p. 90.
2. Ibid.
3. MACEDO, Jorge Borges de, *Unidade de Poder e diversidade de Situação nas áreas regionais em Portugal consequências metodológicas*, in *Primeiras Jornadas de História Regional e Local* (faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), edições Colibri, Lisboa, 1993, p, 14.
4. MARSAIL, John, "Local and Regional History", history. An Introduction for the Intening Student. Edi. Routledge & Kegan Paul, Londres, 1970, p. 101.
5. Ibid.
7. MATTOSO, José, *A História Regional e Local, A escrita da história Teoria e métodos*, Editorial Estampa, Lisboa, 1988, p. 169.
8. Id. *Público*, 6 de Novembro de 1994 p.24.